

Município: **Ipaporanga** Estado: **CE**

Mobilizador Cultural: **Cyria Mayrellys Lima**

Expressão Cultural selecionada: **Crochê**

A origem do crochê

A palavra “crochê” deriva do vocábulo “croc” que significa “gancho”. É muito difícil determinar ao certo a origem do crochê porque restaram pouquíssimas amostras antigas. No entanto, é sabido que desde cedo a técnica do crochê foi mundialmente divulgada tendo sido encontrados vestígios desta arte na China, Turquia, África, Europa e nas Américas.

Em Ipaporanga, o crochê predomina nos seus quatro cantos. Para não nos estendermos muito entrevistamos algumas crocheteiras da região. Vejamos:

Sede

É com a descontração de uma boa conversa na calçada e com os vizinhos que Marlene Gomes da Silva, com 43 anos de idade, residente em Ipaporanga há 19 anos na Rua Augusto Evaristo, desenvolve sua arte do Crochê.

Marlene nos relata como tudo começou: “desde criança eu observava minha mãe fazendo crochê e aos poucos aprendi este ofício. Faço sempre ao terminar os afazeres de casa, além disso, é uma distração e serve como terapia. Para fazer o crochê em tecido. Para fazer o crochê em tecido: faz a bainha do tecido, o ponto inicial e inicia o bico dando formas conforme a imaginação ou o desenho. Eu utilizo: linha, agulha e tecido. Com minha arte faço aplicações em colchas de cama, toalhas e centros de mesa, aplicações em blusas, panos de pratos, de bandejas e etc.”.

A entrevistada ressalta que : “esse é um trabalho muito gostoso de fazer e ainda é vantajoso, pois com ele ajudo nas despesas de casa”.

Assim, o crochê vai se desenvolvendo e mostrando sua beleza. Pois já é quase impossível não encontrá-lo nas casas desta cidade, com suas formas e cores variadas que nos encantam.

Sacramento

O crochê é realizado pela maioria da população feminina de Sacramento, município de Ipaporanga. Uma delas é a crocheteira Raimunda Bezerra de Souza, 55

anos, conhecida como Mundinha, professora e crocheteira, que nasceu em Sacramento, onde mora desde o seu nascimento.

Ela contou: “faço o crochê em casa, utilizo a agulha, linha e tecido, não existe muito valor, porque não temos um comprador que valorize o produto, faço como forma de sobrevivência.”.

Lagoa do Barro

Em Lagoa do Barro o melhor crochê é o de Dona Rita Rodrigues de Sousa, 58 anos de idade, dona de casa e crocheteira desde tempos de menina.

Ela contou-nos: “é na calçada de casa, vendo a vida passar sempre que tocar de sorte que eu faço meu crochê. Tendo agulha, linha e pano, mesmo que prejudique a coluna e a vista, eu to fazendo meu crochê. Faço colchas, caminhos de mesa, almofadas, bolsas, chapéus, saias e outras coisas. Com isso ajudo a pagar algumas contas de casa, pago o leite das crianças e compro algumas coisinhas. O crochê facilita minha vida e é uma ótima distração.”.

Mulungu

Em Mulungu, há 13 km de Ipaporanga, é fácil encontrar uma certa crocheteira bastante conhecida pelas habilidades no ofício. Em casa, nos terreiros e em outros lugares a senhora Edite Lopes de Sousa, 73 anos, está a desenvolver seus dotes.

Ela nos relata como aprendeu este ofício: “aprendi quando era mais nova e desde esse tempo eu faço.”. Dona Edite ainda nos fala das etapas e as ferramentas utilizadas: “para fazer o crochê precisa de agulha, linha e pano. Começa fazendo a trança depois vai fazendo os pontos conforme o modelo do crochê”. Os produtos resultantes de seu trabalho são: colchas, caminho de mesa, etc.

“Faço este trabalho porque gosto e porque eu ganho meu dinheirinho com ele”.

Água Branca

Em água Branca, há 13 km de Ipaporanga, reside Inereuda Gomes de Sousa, a Nedinha, 34 anos, uma crocheteira bastante conhecida pelos belos trabalhos.

“Aprendi quando tinha uns 12 anos, é um trabalho comom e que é passado uns para os outros”.

Nedinha faz seu trabalho em sua casa e utiliza as seguintes ferramentas: “linha e agulha. Começo pela trança, depois vou fazendo os pontos conforme o modelo que eu quero”.

Com seu trabalho ela produz: panos pequenos como: guardanapos, panos para bandeja, colchas, etc.

“Faço para ajudar na renda familiar e também porque é um trabalho importante”.

Lagoa do Peixe

Andando por Lagoa do peixe você verá muita cultura, uma delas representada no crochê por Antonia Pereira de Sousa, 67 anos, filha de Vicente Saraiva Santos e Delfinha Pereira de Sousa que com alegria todos os dias desempenham o seu ofício.

Dona Antonia nos descreve como aprendeu este ofício: “sem trabalhei de roça, chegou um dia que me interessei pelo crochê, pois é uma arte bonita e pedi a uma amiga que me ensinasse, meu primeiro pano foi um jogo de varandas, fiquei muito orgulhosa ao ver feito pelas minhas próprias mãos”.

Ela desenvolve seu trabalho em casa e diz quais são etapas e ferramentas utilizadas: “precisa-se de linha, agulha para crochê, depois escolhe um modelo e vai fazendo os pontos que variam, dependendo do desenho escolhido”.

Os produtos resultantes de seu trabalho são colchas, toalhas de banquete, blusas, caminho de mesa e etc.

“Faço isso por meio de vida, me ajuda muito nas despesas de casa. É um trabalho que repasso para minhas filhas e assim ele é cada vez mais presente e importante em nossa vida”.